

Diante dessas telas de Fernando Augusto o impulso mais imediato leva-nos à ideia de névoa, neblina ou mesmo trevas, numa superfície instável onde emergem formas vagas, imprecisas, que tanto podem enunciar o contorno de uma rocha, quanto o pedaço de uma paisagem, um braço de rio ou de mar, um arquipélago, coisas pertencentes à ordem da natureza, essa ordem dotada de um tempo tão lento que julgamos fixo, perene. Mas há também o possível - porquanto aqui nada se pode afirmar - enunciado de casas, pórticos, fragmentos arquitetônicos, navios, enfim coisas pertencentes à ordem dos homens, essa ordem nostálgica que inutilmente aspira a eternidade, mas que dela só se aproxima sob a forma de ruína, tradução de um esforço que não logra vencer o efeito corrosivo da história.

Ainda que queiramos limitar essas telas a este papel, ainda que queiramos considerá-las um esforço no sentido de capturar o mundo exterior, o fato é que se olharmos com vagar para elas veremos que as tais névoas, neblinas, trevas, irão ganhar uma concretude, uma espessura, que nada tem haver com a imaterialidade que deveriam ter. A substância intangível, impalpável de que usualmente as névoas são constituídas ver-se-á subitamente transformada em um magma vertiginoso, em planos e camadas densas, escorridas, compostas por tons escuros que ruidosamente amalgamam-se entre si, que se rejeitam ou se buscam, que se entrelaçam em cúpulas crispadas, em massas cromáticas produzidas pelo movimento enérgico dos pincéis.

Essas névoas, neblinas e trevas, embora pertençam ao domínio do visível, pertencem igual e ostensivamente ao domínio da linguagem pictórica, vale dizer, ao âmbito daquilo que é produzido pela técnica colocada a serviço do imaginário do artista. Só a partir dessa constatação, extraída da contemplação cautelosa, é que se pode chegar aquele que é o cerne da poética de Fernando Augusto: a pintura como um território de equivalência entre as várias linguagens visuais

Nas telas de Fernando Augusto o ícone pode conviver com o símbolo, o signo em sua acepção mais arbitrária, assim como o fundo confunde-se com a imagem, a pintura com o desenho, a forma com o informe, a anotação com o projeto, o desejo com a memória. Números, letras, textos escritos e garatujas, aquém da significação, mesclam-se aos elementos da natureza e do homem. Uma coisa leva à outra, uma coisa metamorfoseia-se na outra, numa sorte de redemoinho soturno, sempre sob uma atmosfera plúmbea, rebaixada, obscurecida, incapaz de dar aos olhos do espectador o conforto e a remissão de um pouco de luz. Nessas telas imersas no tempo, superpõem-se comentários, cenas interrompidas, construções precárias e afásicas que aludem a um esforço persistentemente renovado de trazer à tona a expressão, a pouca e insegura expressão que nos cabe ter a essa altura.

Agnaldo Farias

1995

Agnaldo Farias é crítico de arte, curador e professor da FAU - USP